UESPI - Universidade Estadual do Piauí

O QUE É ETNOCENTRISMO?

Autoras

Nathallia Gabriela Nunes dos Santos

Kemili Vitória das Chagas Carvalho

Maria Eduarda de Araújo Ribeiro

Marcela Oliveira dos Santos

Dheynife Ellen da Silva

Orientação

Lilian Gabriella Castelo Branco Alves de Sousa.

Apoio

Marcus Vinicius silva de Souza

SUMÁRIO

Apresentação 3

O que é etnocentrismo?..... 4

O que dizem os autores.....5

Exemplos históricos e atuais..... 6

Impactos do etnocentrismo..... 7

Como evitar e Relativismo cultural.....8

Atividade prática.....10

Considerações finais 11

Referências 12

Apresentação

Esta cartilha tem como objetivo explicar, de forma simples e acessível, o que é o etnocentrismo e como ele está presente no nosso dia a dia. Muitas vezes, sem perceber, julgamos outras culturas a partir dos nossos próprios valores, o que pode gerar preconceitos, discriminação e dificuldades na convivência.

Ao longo deste material, serão apresentados exemplos históricos e atuais de etnocentrismo, além de reflexões baseadas em autores importantes da antropologia, como **Roque de Barros Laraia** e **Everardo Rocha**. Também serão discutidas estratégias práticas para evitar esse tipo de pensamento e desenvolver uma postura mais respeitosa diante da diversidade cultural.

A proposta é incentivar a reflexão e mostrar que as **diferenças culturais não devem ser vistas como algo negativo, mas como uma riqueza que contribui para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva**.

Assim, esta cartilha convida você a repensar suas atitudes, exercitar a empatia e valorizar as múltiplas formas de viver e compreender o mundo.

Mas afinal...o que é Etnocentrismo?

O etnocentrismo é quando uma pessoa acredita que sua cultura é melhor ou superior às outras. Isso acontece porque cada indivíduo aprende, desde pequeno, a ver o mundo a partir da sua própria realidade. Por isso, podemos dizer que o etnocentrismo funciona como se fossem "óculos culturais", que fazem a pessoa enxergar tudo com base nos seus próprios costumes, sem tentar entender o jeito de viver dos outros. Esse comportamento aparece em situações simples do dia a dia, como quando alguém acha que só a sua comida é boa e considera a de outro país "estranha". Na história, isso também aconteceu de forma mais forte, como na época da colonização, quando os europeus consideravam os povos indígenas "atrasados" apenas por terem uma cultura diferente da deles.

Esse jeito de pensar pode ser relacionado às ideias de Edward Tylor, um importante antropólogo do evolucionismo cultural. Ele acreditava que as culturas evoluíam em etapas, das mais "simples" até as mais "avançadas".

O problema?

Essa teoria colocava a cultura europeia como a mais desenvolvida, usando ela como padrão para comparar as outras. Com isso, muitas culturas foram vistas como inferiores, o que reforça o etnocentrismo. Hoje, a Antropologia critica essa visão e defende que todas as culturas têm seu valor e devem ser respeitadas e compreendidas dentro da sua própria realidade

O QUE DIZEM OS AUTORES...

Lewis Henry Morgan

O antropólogo Lewis Henry Morgan foi um dos primeiros a tentar estudar as sociedades humanas de forma comparativa. Ele criou uma divisão das sociedades em estágios, como selvageria, barbárie e civilização. O problema dessa teoria é que ela colocava a sociedade europeia como modelo mais avançado, criando uma ideia de hierarquia entre as culturas. Isso revela uma visão etnocêntrica, pois outras sociedades eram vistas como atrasadas.

Franz Uri Boas

Por outro lado, Franz Boas criticou esse tipo de pensamento. Ele defendia que cada cultura deve ser entendida dentro do seu próprio contexto, sem comparações com outras. Essa ideia ficou conhecida como relativismo cultural. Para Boas, não existe cultura melhor ou pior, apenas diferentes formas de viver. Sua contribuição foi essencial para combater o etnocentrismo e promover uma visão mais respeitosa da diversidade cultural.

Roque de Barros Laraia

O antropólogo Roque de Barros Laraia explica que a cultura não nasce com a pessoa, mas é aprendida ao longo da vida. Em seu livro Cultura: um conceito antropológico, ele mostra que nossos costumes, valores e formas de pensar são resultado do meio em que vivemos. A partir disso, podemos entender que nenhuma cultura é superior à outra, já que cada sociedade desenvolve suas próprias maneiras de organizar a vida. Essa ideia é fundamental para combater o etnocentrismo.

Everardo Pereira Guimarães Rocha

Já Everardo Rocha, no livro "*O que é Etnocentrismo?*", afirma que o etnocentrismo é algo comum, porque todos nós crescemos dentro de uma cultura específica. Por isso, é normal estranhar aquilo que é diferente. No entanto, ele alerta que esse estranhamento pode se transformar em preconceito e discriminação se não houver reflexão. Por isso, Rocha destaca a importância do respeito e do conhecimento sobre outras culturas.

EXEMPLOS HISTÓRICOS E ATUAIS

O etnocentrismo pode ser percebido em diferentes momentos da história e também no nosso cotidiano!! Ele acontece quando uma cultura é julgada a partir dos valores de outra, geralmente sendo vista como inferior ou menos desenvolvida.

Um dos exemplos históricos mais marcantes é a colonização das Américas. Quando os europeus chegaram ao continente, eles já traziam a ideia de que sua cultura era superior. Em vez de tentar compreender os costumes dos povos indígenas, passaram a considerá-los atrasados e sem cultura. Essa visão justificou diversas formas de exploração e violência, mostrando claramente uma atitude etnocêntrica.

Outro exemplo importante é a escravidão africana. Durante esse período, os povos africanos foram tratados como inferiores e desumanizados. Além disso, suas culturas foram desvalorizadas, como se não tivessem importância. Isso revela como o etnocentrismo pode contribuir para práticas extremamente injustas, ao colocar uma cultura como superior às outras.

Também podemos observar esse comportamento nas missões religiosas forçadas, em que missionários tentavam impor suas crenças aos povos indígenas. As religiões desses povos eram vistas como erradas ou inferiores, sem que houvesse respeito ou tentativa de compreensão. Mais uma vez, isso demonstra uma visão baseada na imposição cultural.

Nos dias atuais, o etnocentrismo continua presente, embora muitas vezes de forma mais sutil. Um exemplo disso é o preconceito contra religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda. Muitas pessoas julgam essas práticas sem conhecê-las, classificando-as de forma negativa com base em suas próprias crenças.

Outro caso é a valorização de padrões de beleza europeus, como pele clara e cabelo liso, enquanto características afro e indígenas são frequentemente desvalorizadas. Isso mostra como o etnocentrismo também pode influenciar a forma como a sociedade define o que é considerado bonito ou aceitável.

Além disso, atitudes comuns do dia a dia, como chamar a comida ou os costumes de outros países de "estranhos", também refletem uma visão etnocêntrica. Isso acontece porque as pessoas comparam aquilo que é diferente com o que estão acostumadas, sem buscar compreender o contexto cultural do outro.

A xenofobia também é um exemplo atual importante. Quando alguém rejeita ou demonstra preconceito contra estrangeiros, geralmente está agindo com base na dificuldade de aceitar o que é diferente. Esse comportamento reforça a ideia de que apenas a própria cultura é válida.

Esses exemplos mostram que o etnocentrismo não é apenas um conceito teórico, mas algo presente na história e no cotidiano. Por isso, reconhecer essas situações é um passo essencial para desenvolver uma postura mais crítica, respeitosa e aberta à diversidade cultural.

Impactos do etnocentrismo.

Por que isso é um problema? Simples, resulta em:

- **Preconceito.**
- **Discriminação.**
- **Conflitos sociais.**
- **Falta de aprendizado.**

"Uma das justificativas, até o início do século XX, para a não extensão às mulheres do direito de voto, baseava-se na idéia de que elas possuíam um cérebro menor e menos desenvolvido do que o dos homens.A homossexualidade, por sua vez, era tida como uma espécie de anomalia da natureza, ou seja, uma doença. Nas democracias modernas, desigualdades naturais podiam justificar o não acesso pleno à cidadania. No interior de nossa sociedade, encontramos ainda uma série de atitudes etnocêntricas. Muitos acreditaram que havia várias raças e sub-raças, que determinariam, geneticamente, as capacidades das pessoas, hoje sabemos que isso não é verdade."

"Em se tratando de Brasil, não podemos deixar de falar nas religiões de matriz africana, como o candomblé e umbanda, resultado do sincretismo religioso. O sacrifício animal em algumas crenças afro-brasileiras tem sido considerado sinônimo de barbárie, por praticantes de outros credos. Trata-se, contudo, simplesmente de uma forma específica para que homens/mulheres entrem em contato com o divino, com os deuses, nesses casos, os orixás, cada qual com sua preferência, no que diz respeito ao ritual de oferenda. Outras religiões pregam formas diversificadas de contato com o divino, classificando e condenando as práticas do candomblé, como "erradas" e "bárbaras", ou como "feitiçaria". "

COMO EVITAR E RELATIVISMO CULTURAL

Evitar o etnocentrismo não é algo que acontece de forma automática, mas sim um processo que envolve consciência e mudança de atitude. Isso porque, como já discutido, todos nós somos formados dentro de uma cultura específica, o que influencia diretamente a maneira como enxergamos o mundo. Por isso, o primeiro passo é reconhecer que nossas opiniões e julgamentos não são neutros, mas construídos socialmente.

Uma das estratégias mais importantes é desenvolver a capacidade de questionar aquilo que consideramos "normal". Muitas vezes, o que parece natural para nós é apenas o resultado dos costumes da sociedade em que vivemos. Ao perceber isso, abrimos espaço para entender que outras formas de viver também fazem sentido dentro de seus próprios contextos.

Outra atitude fundamental é buscar o conhecimento. Aprender sobre diferentes culturas, histórias e tradições amplia nossa visão e reduz a tendência de julgamento. Esse aprendizado pode acontecer por meio de estudos, convivência com pessoas de diferentes origens ou até mesmo pelo contato com produções culturais, como filmes, músicas e livros.

Além disso, a prática do diálogo é essencial. Conversar com pessoas de outras realidades permite não apenas conhecer novas perspectivas, mas também perceber que muitas diferenças são, na verdade, formas diversas de organizar a vida. O diálogo contribui para quebrar estereótipos e aproximar indivíduos.

A empatia também desempenha um papel central nesse processo. Mais do que apenas "se colocar no lugar do outro", trata-se de tentar compreender o sentido que determinados costumes têm dentro da cultura de quem os pratica. Isso exige abertura e disposição para ouvir sem julgar.

Agora, sobre o Relativismo...

O relativismo cultural surge como uma alternativa ao etnocentrismo e representa uma mudança importante na forma de pensar as diferenças culturais. Enquanto o etnocentrismo parte da ideia de que existe um padrão correto de viver, o relativismo propõe que cada cultura deve ser compreendida a partir de seus próprios valores, normas e significados.

Isso significa que, ao entrar em contato com uma cultura diferente, o objetivo não deve ser julgar se ela é certa ou errada, mas sim entender como ela funciona e por que seus membros agem daquela maneira. Cada prática cultural tem um sentido dentro do contexto em que foi criada, e ignorar esse contexto pode levar a interpretações equivocadas.

O relativismo cultural, portanto, não significa concordar com tudo, mas sim buscar compreender antes de julgar. Ele exige uma postura crítica e reflexiva, em que a pessoa reconhece seus próprios limites culturais e tenta enxergar o mundo a partir de outros pontos de vista. Esse processo contribui para a construção de uma visão mais ampla e menos preconceituosa.

Além disso, o relativismo ajuda a fortalecer o respeito à diversidade, pois mostra que as diferenças não devem ser vistas como problemas, mas como expressões legítimas da experiência humana. Ao adotar essa perspectiva, torna-se possível conviver melhor com pessoas de diferentes culturas e valorizar a pluralidade presente na sociedade.

O desenvolvimento dessa perspectiva foi fundamental para a antropologia, especialmente com autores como Franz Boas, que criticaram as visões que classificavam as culturas em superiores e inferiores. Para Boas, não existe uma hierarquia cultural, mas sim diferentes formas de organização da vida humana, todas com sua própria lógica.

Por fim, é importante destacar que o relativismo cultural não elimina completamente o estranhamento diante do diferente, mas oferece ferramentas para lidar com ele de forma mais consciente. Em vez de rejeitar aquilo que não compreendemos, passamos a encarar as diferenças como oportunidades de aprendizado.

Assim, ao colocar em prática o relativismo cultural junto com estratégias como empatia, diálogo e busca por conhecimento, damos um passo importante na superação do etnocentrismo e na construção de relações mais respeitosas e equilibradas entre as culturas.

Atividade prática

Liste 3 coisas que você acha "estranho" em outras culturas:

Agora escolha uma delas para pesquisar sobre, sua origea, faz parte de qual povo/etnia? Ainda é praticado? Anote o que descobriu!!!

Considerações finais

Ao longo desta cartilha, foi possível compreender que o etnocentrismo é uma forma de enxergar o mundo a partir da própria cultura, muitas vezes julgando outras como inferiores ou inadequadas. A partir dos exemplos históricos e atuais apresentados, percebe-se que esse tipo de pensamento esteve presente em diversos momentos da história, como na colonização das Américas e na escravidão, e ainda continua aparecendo no cotidiano, em atitudes como preconceito religioso, xenofobia e valorização de padrões culturais específicos.

A contribuição acadêmica deste trabalho está na articulação entre teoria e prática, ao relacionar conceitos da antropologia com situações reais do dia a dia. As ideias de autores como Laraia, Rocha, Morgan e Boas ajudaram a ampliar a compreensão sobre cultura e mostraram a importância de evitar visões etnocêntricas, destacando o respeito às diferenças como um valor essencial para a convivência em sociedade.

Em relação aos objetivos propostos, a cartilha conseguiu apresentar o conceito de etnocentrismo de forma clara e acessível, além de discutir seus impactos e propor estratégias para evitá-lo. O uso de exemplos concretos e linguagem simples contribuiu para tornar o conteúdo mais didático e próximo da realidade do público, facilitando a reflexão sobre atitudes cotidianas.

No entanto, o tema ainda pode ser aprofundado em trabalhos futuros, especialmente com a inclusão de mais estudos de caso, relatos de experiências reais e análises sobre o papel das mídias na construção de visões etnocêntricas. Além disso, seria interessante explorar mais a relação entre etnocentrismo, racismo e desigualdades sociais, ampliando ainda mais a discussão.

Dessa forma, conclui-se que combater o etnocentrismo é um processo contínuo, que exige reflexão, conhecimento e mudança de atitudes. Valorizar a diversidade cultural não significa apenas aceitar o outro, mas também aprender com as diferenças e construir uma sociedade mais justa, respeitosa e inclusiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL ESCOLA. Etnocentrismo, estereótipos,estigmas, preconceitos e discriminação. Disponível em:https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/sociologia/etnocentrismo-estereotipos-estigmas-preconceito-discriminacao.htm . Acesso em: 31 mar.2026

(Curso de especialização em gênero e sexualidade/ organizadores :Carrada, Sérgio...[et al] -Rio de janeiro:CEPESC; Brasília, DF : Secretaria especial de políticas públicas para as mulheres,2010.)

GOOGLE SHARE. Documento/arquivo compartilhado. Disponível em:https://share.google/gBW59NvmDFHoCI1it . Acesso em: 31 mar.2026

MORGAN, Lewis Henry. A sociedade antiga. 1877. Disponível em:PDF. Acesso em 31 mar.2026

TYLOR, Edward B. A ciência da cultura. In: CASTRO, Celso (org). Evolucionismo cultural: textos de Morgan,Tylor e Frazer. Rio de janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005(1871).p.67-99